

forma, a sua proposta de mudança será ineficaz e as denúncias que fizerem serão bastante irrelevantes. Este esforço de concretização é, aliás, o cerne do autêntico agir político ⁴².

Estes dois aspectos mencionados não são meramente circunstanciais. A esperança cristã vive, de facto, uma permanente tensão entre dois polos. A tensão entre, por um lado, a *expectativa de um futuro diferente*, expectativa que não nos deixa paralisar perante o que parece inevitável mas procura olhar sempre para além do que nos surge como imediatamente possível, e, por outro lado, o *realismo concreto das possibilidades presentes*, um realismo que é capaz do esforço quotidiano e da eficácia da pequena mas significativa mudança. É nessa tensão, não isenta de sofrimento e do risco do caminhar histórico, que o agir cristão há-de mostrar como é fermento indispensável à construção da verdadeira fraternidade humana.

José Eduardo Borges de Pinho

Sobre a teoria da suposição em Pedro Hispano*

'... como toda a coisa ou é universal ou é particular, necessariamente, às expressões que não significam de modo universal ou particular, não significam nada'.

P. HISPANO, *Tractatus VI*

1. A teoria da suposição em Pedro Hispano no contexto da Lógica Medieval dos sécs. XIII e XIV

Uma das características fundamentais da lógica dos sécs. XIII e XIV é-nos revelada pelos próprios representantes do positivismo lógico contemporâneo, nomeadamente Bochenski e Lukasiewicz, que apontam nela uma vocação idêntica à da lógica actual: o seu carácter formalizante ¹. Convém que elucidemos em que contexto e perspectiva se realiza essa formalização. Decerto não no mesmo sentido que conduz a lógica actual a elaborar uma linguagem própria, regida por axiomas e uma sintaxe específicos, de modo a constituir-se como um 'corpus' totalmente autónomo.

A lógica medieval move-se na referência constante à metafísica ou à teologia e se procurarmos na evolução desde os

* Este trabalho foi realizado no âmbito de um Seminário sobre Lógica Medieval orientado pelo Prof. Dr. Amândio Coxito na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

¹ Bochenski afirma mesmo que a doutrina escolástica da suposição é manifestamente mais rica em pontos de vista fundamentais e regras que tudo o que até agora produziu a semiótica matemática. BOCHENSKI, *História*, 27, citado por V. MUÑOZ DELGADO, *Introducción al Patrimonio escolástico da Lógica*, in *Cuadernos S de Filosofía* 2 (1975) 65.

⁴² Cf. K. E. LOGSTRUP, *Solidarität und Liebe*, in F. BÖCKLE/F. X. KAUFMANN/K. RAHNER/R. SCHERER (ed.), *Christlicher Glaube in moderner Gesellschaft*, 16, Freiburg in Breisgau ²1982, 126 s.

primórdios da *lógica vetus* até *Ockham* verificamos que ela nunca se desprende da questionação ontológica ou estritamente teológica. É também uma constante na lógica medieval o recurso ou, pelo menos, a referência à obra aristotélica e a própria divisão dos seus grandes períodos obedece não só às suas transições de perspectiva mas também à descoberta das obras do Estagirita que proporcionaram essas mesmas transições.

Assim, e por ordem cronológica, a *lógica vetus*, alicerça-se sobretudo na *Isagoge* de Profírio, nas *Categorias* e no de *Interpretatione* de Aristóteles, traduzidas e comentadas por Boécio; a *lógica nova* surge com a descoberta dos restantes tratados do *Organon* de Aristóteles: os *Primeiros e Segundos Analíticos*, os *Tópicos* e a *Refutação dos Sofistas*. *Lógica vetus* e *Lógica nova* constituem-se e renovam-se em torno da problemática do raciocínio silogístico inaugurada por Aristóteles e a segunda representa um progresso em relação ao silogismo categórico e ao raciocínio modal, provável e silogístico². Finalmente a *Lógica Moderna*, de que aqui tratamos particularmente, opera uma renovação na problemática lógica com o estudo exaustivo das propriedades dos termos.

É neste contexto que vão surgir no séc. XIII, tratados marginais que irão constituir uma nova corrente na lógica medieval. São os 'Tractatus syncathegorematis', os 'Tractatus de proprietatibus terminorum', os 'Tractatus de suppositionibus', de 'copulatione', 'de relativis', 'de ampliacione', 'de restrictione' e 'de appellatione'. E nesta corrente insere-se Pedro Hispano bem como William de Shyreswood e Lambert de Auxerre que ao elaborarem os seus 'Tractus logicae' procuram sintetizar um movimento teórico que se esboça desde finais do séc. XIII. A importância teórica destes tratados vai a par da sua importância sociológica mesmo para as gerações vindouras, e no caso de Pedro Hispano podemos apontar o número impressionante de 160 edições do seu 'Tractatus' desde a invenção da imprensa até 1639³.

Se bem que a lógica exposta nestes novos tratados exceda em originalidade a anterior é ainda sob a égide e a tutela teórica

² MUNOZ DELGADO, *Introduccion*, 48.

³ Cf. L. M. DE RIJK, *Significatio y Suppositio en Pedro Hispano*, in *Pensamiento* 25 (1969) 226.

de Aristóteles que se movem os seus autores. Um autor anónimo do séc. XV comenta referindo-se precisamente a Pedro Hispano:

'... deve ser dito que apesar de Aristóteles não ter inventado esta lógica que aqui é tratada, em si mesma e na forma que surge nestes tratados, ele descobriu contudo, certos princípios a partir dos quais estes tratados se desenvolveram e compuseram. Por conseguinte, poder-se-ia dizer que, de certa forma, ele os descobriu. Daqui se segue que o Filósofo deve ser reconhecido e agradecido mais do que Pedro Hispano, pois o primeiro descobriu os princípios difíceis de detectar'⁴.

Sobre a teoria da suposição em Pedro Hispano o mesmo autor acrescenta:

'Neste sentido deve-se compreender que o tratado sobre a suposição deriva do primeiro livro do *Periermeneias* onde se diz: 'Já que uns são universais, outros são singulares'. As coisas particulares têm suposição discreta. Além disso ele divide as coisas universais porque há algumas coisas universais que exprimem a sua existência de maneira indeterminada. Outras não a exprimem de modo indeterminado mas determinado'⁵.

Antes de explicitarmos alguns conceitos chave contidos nesta citação detenhamo-nos em mais algumas considerações histórico-culturais.

Se Alberto Magno representa um marco das teorias lógicas que visam o percurso do raciocínio de modo a tornar-se válido, explorando todas as capacidades oferecidas pelo raciocínio silogístico, estes autores e particularmente Pedro Hispano condensam na sua obra a tentativa de conjugação da lógica e da gramática⁶. Esta conjugação ao mesmo tempo que pragmatiza o campo de actuação da lógica transforma-a cada vez mais

⁴ Citado por PH. BOEHNER, *Medieval Logic*, Manchester, Univ. Press, 1966, 17.

⁵ *Ibidem*, 17.

⁶ Em Alberto Magno a lógica tem como objecto fundamental o passo que efectua o intelecto do conhecido ao desconhecido, isto é, a argumentação, o raciocínio ou consequência cuja parte principal é o silogismo. Este autor traça uma distinção nítida entre as fronteiras da lógica e da gramática: o 'lógico' estuda a verdade e a falsidade dos significados, o 'gramático' estuda o 'modo' dos elementos significativos. Definição que aproxima a gramática da retórica o que aliás é evidente na

não num corpo teórico de regras de condução do pensamento mas numa ciência instrumental, que opera através de uma linguagem determinada (a língua latina) e de que as outras disciplinas do saber, nomeadamente a teologia não poderão prescindir sob pena de o seu 'pensamento' se veicular num meio de expressão não legítimo⁷.

É pois neste contexto de interpenetração recíproca da lógica e da gramática que poderemos entender a formalização da lógica operada por estes autores.

É difícil determinar um marco inaugural de uma corrente de pensamento. Ela nasce, renasce e ramifica-se intermitentemente no tempo e no espaço até formar um todo global só discernível, por vezes, retrospectivamente. No entanto, no que se refere à corrente da '*Gramática Especulativa*' que concretiza nos seus contributos teóricos a articulação da lógica e gramática de que falamos, e que atingiu o seu auge na Universidade de Paris entre 1260 e 1320, talvez possamos remontar a Abelardo. Segundo Überweg-Geyger⁸, Abelardo procura realizar uma 'análise crítica' do pensamento na base das expressões linguísticas.

Vemos mais claramente o sentido desta observação se atendermos ao núcleo de questionação onde emerge esta nova perspectiva inaugurada por Abelardo. De facto, ela surge no

divisão das orações em enunciativas (significam o verdadeiro e o falso de modo indicativo) domínio da lógica, e orações não — enunciativas (significam o verdadeiro e o falso — domínio da retórica).

⁷ A este respeito é célebre a carta fictícia narrada na '*Ars Dictandi*' do mestre Boncompagnus. Nesta carta o mestre repreende o aluno por ter devotado pouca atenção ao estudo da gramática: 'Cum sit gramatica lac primarium quo addiscentium corde nutriuntur, miror quod sine illius notitia te ad artes transferre non debet, quia non convelescit plantula que humore indiget primitivo'; e ao que o aluno responde acrescentando que só entende o estudo da gramática conjuntamente com o da dialéctica: 'Ars gramatica potest noli asinarie assimilare que dum laborioso impulsu volvitur, grana in farinam convertiti, de quo fit nutritivus panis per adiutoria sucesiva. Nnde cupio per auxilium dialectica gramaticam adiuvere. Sane qui proficit in dialectica, gramatica non obmittit'. (Citado por L. M. DE RIJK, *Lógica Modernorum* II, 120).

⁸ In *Grundriss der Geschichte der Philosophie*, Bd II, 216 citado por B. O'MAHONY, *The medieval treatise on the modes of meaning*, in *Philosophical Studies* 14 (1965).

contexto da questão central do pensamento da época: a questão dos universais.

Se Abelardo recusava a posição realista que atribuía aos seres concretos uma natureza essencial comum, como entender que se atribua um nome comum a seres concretos diferenciados na existência? E como entender a possibilidade da predicação de universais (o que Abelardo não nega)? A questão conduz-nos a uma outra: o que é a significação intelectual (*significatio de intellectibus*) das palavras, se ela não é uma natureza comum real?

Abelardo responde afirmando que a definição de uma palavra que constitui o universal se identifica com a definição verbal que permite a interpretação de um nome. Assim para que a predicação se verifique e seja válida não necessitamos de sair do domínio estritamente lógico-gramatical e, por outro lado, para estudar o conhecimento que das palavras possa advir não necessitamos de recorrer a qualquer 'natureza', que lhes seja transcendente.

Podemos concluir duas coisas: primeiro, que a nova relação estipulada entre lógica e gramática surge no contexto da tentativa da resolução do problema dos universais; segundo, que essa resolução se baseia num enriquecimento do estatuto gnoseológico da própria linguagem e na aproximação da lógica em relação à gramática, já que o pensamento não é entendido fora da sua expressão concreta, ou seja, da linguagem⁹.

Assim, falar em formalização, neste caso, é equivalente a falar em operatividade: a lógica torna-se mais formal não porque, evolua num sentido de abstracção progressiva dos processos de pensamento, mas porque aliando-se à gramática, encontra (na língua latina) uma base concreta de actuação aproximando as leis do pensamento às leis da linguagem, de modo a tornar-se uma ciência mais crítica e eficaz: se as expressões linguísticas estão formuladas incorrectamente, pode o 'lógico' afirmar que o pensamento que lhe preside é incorrecto.

O objectivo fundamental da gramática especulativa é a constituição de uma gramática universal da expressão humana,

⁹ Sobre o assunto cf. AMANDIO A. COXITO, *Lógica Semântica e Conhecimento, na Escolástica peninsular pré-renascentista*, Coimbra, 1981, 44-47.

que teria como suporte a língua latina, veículo de praticamente todo o ocidente erudito da época.

Esta busca de universalidade e comunidade insere-se no espírito global da filosofia medieval quando mobiliza quase toda a latinidade à discussão da questão dos universais. Neste caso, numa busca de princípios ontológicos que fundassem e legitimassem essa mesma universalidade e comunidade num plano mais estritamente teológico.

Poder-se-iam destacar alguns pressupostos doutrinários da gramática especulativa:

Primeiro, uma posição marcadamente aristotélica, que privilegia o 'existir' ao 'pensar'. E que dentro do 'existir' eleva a expressão linguística a uma dignidade ontológica inédita.

Segundo, um pressuposto gnoseológico que atribui uma génese empírica ao conteúdo do pensamento, enquanto este, particularmente o intelecto, continua a determinar o modo de elaboração do conhecimento (o modo de universalidade) e confere aos seus objectos um modo de existência intencional.

Terceiro, a definição de abstracção como modo essencial do conhecimento.

Finalmente, a atribuição de um duplo carácter ao signo linguístico, reportando-se a Sto. Agostinho: o signo é uma realidade exterior existente no tempo e no espaço e um meio de concretização do acto intencional subjectivo da significação¹⁰.

É frequente associar o movimento teórico da gramática especulativa ao do *modismo*, que desdobra os níveis de existência em modos de existência paralelas.

Assim podemos distinguir:

- a) Os modos de ser, isto é, propriedades reais de existência dos objectos.
- b) Os modos de intelecção, isto é, os meios ou as formas de compreensão pelos quais o intelecto conhece os objectos.
- c) Os modos de significar, isto é, por um lado, o modo de existir de um objecto enquanto signo por outro, a capacidade do signo, melhor, a palavra, consignificar, isto é, adquirir um significado específico no contexto proposicional em que está inserida.

¹⁰ Sobre o assunto cf. *Ibidem*, 271-272.

Mais do que esta divisão importa determo-nos na articulação entre os diversos níveis. E verificamos que o modo de ser funciona como elemento de partida no processo do conhecimento, o modo de 'intelecção' como elemento intermediário e o modo de significar como elemento de chegada. Entre todos existe um adequamento operativo e um paralelismo representativo, especular, e todos convergem para a constituição de uma mesma unidade ao nível ontológico, só desdobrável porque nele intervém o 'homem' como ser que conhece e representa¹¹.

Aqui também Aristóteles está presente quando afirma que 'a arte (leia-se, a linguagem) imita a Natureza tanto quanto possível¹², e é precisamente a consciência da linguagem (da arte) significar, isto é, 'ser o outro de' substituir, representar a realidade que permite estabelecer esta estrutura de paralelismo e de quase reversibilidade^{13,14}.

É neste contexto que devemos inserir a teoria da suposição em geral, e em Pedro Hispano particularmente, fruto de uma longa reflexão sobre as relações entre linguagem, realidade e pensamento.

A suposição (*suppositio*) inscreve-se no vasto campo da semântica medieval e poder-se-ia alinhar juntamente com outras funções semânticas tais como a 'significação', a 'apelação', a 'distribuição', a 'ampliação', a 'alienação', a 'diminuição' e a 'analogia'. No entanto podemos dizer que a suposição e a significação são as funções predominantes na constituição da semântica.

¹¹ Sobre o assunto cf. B. O'MAHONY, *Medieval treatise*, 124-128.

¹² *Phisica*, B, C2 194 a 21-22.

¹³ Sobre o modismo em Pedro Hispano salientamos o passo em que o autor falando sobre a adjectivação e a substantivação afirma: 'Isto não é em sentido estrito, significação substantiva ou adjectiva, mas antes significação de algo de modo substantivo ou adjectivo porque significam algo de modo substantivo ou de modo adjectivo são modos e diferenças das coisas que são significadas e não significam'. Aqui verificamos como foi fundamental postular a capacidade de significação (significar diferentemente num contexto proposicional) dos signos para estabelecer um paralelismo entre realidade existente e a realidade representada.

¹⁴ Sobre a ontologização da linguagem operada pelo modismo cf. AMÂNDIO COXITO, *As proposições e o seu significado: a propósito de uma teoria gramatical do séc. XII*,

tica medieval, tendo um tratamento privilegiado nos tratados da época, tal como se verifica em Pedro Hispano.

De acordo com L. M. Rijk¹⁵ desde o início da teoria da suposição existia uma certa oposição e complementaridade entre 'supor' e 'significar', ou melhor, entre 'significatio' e 'appellatio', ou 'nominatio'. Retomando a fórmula de Prisciano, 'proprium est nominis significare substantiam et qualitatem', o termo substância remete para a *coisa concreta individual* e o termo qualidade para a *forma universal*. Assim, inicialmente, a teoria da suposição derivou de uma teoria de apelação, reportando-se à capacidade da linguagem denotar as coisas individuais concretas. Mais tarde, como verificamos em Pedro Hispano a suposição reteve a capacidade denotativa (supponere pro) alargando o seu âmbito às naturezas universais.

Assim a suposição adquire progressivamente um sentido específico de referência ou de denotação (acceptio termini pro aliquo) e a sua função linguística surge como complementar da significação.

Poderíamos estabelecer um paralelo entre a suposição e a significação, tal como surge em Pedro Hispano, e os conceitos modernos de 'Sinn' e 'Bedeutung', avançados por Frege e Saussure. De facto, como a significação é condição de suposição, 'Sinn', é condição de 'Bedeutung', isto é, a possibilidade de articular o signo com o seu referente extra-linguístico não é possível se o próprio signo não significar algo¹⁶.

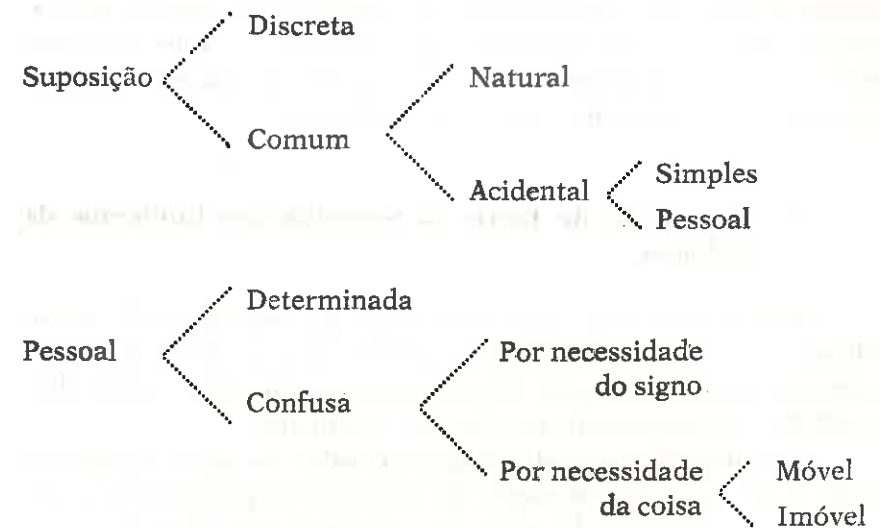
Esta função denotativa de suposição em Pedro Hispano, tem incidências ao nível do pensamento filosófico da época. Pedro Hispano postula que só os nomes (não os verbos e os adjectivos) supõem. Ou seja, só o nome tem na 'natureza' um suporte referencial estável. Toda a predicação se estabelece segundo o modelo 'sujeito+cópula+predicado', logo o sujeito, o 'nome' é a base permanente, substancial, em relação à qual se opera toda a predicação de atributos essenciais. Assim, a estrutura linguística verifica e espelha a estrutura ontológica da realidade. Entendamo-nos, numa perspectiva realista.

¹⁵ RIJK, *Significatio y Suppositio en Pedro Hispano*, 228.

¹⁶ Sobre o assunto cf. OSWALD DUCROT, *Quelques implications linguistiques de la théorie médiévale de la supposition*, in *History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics*, Berlin-New York 1976, 191-194.

Neste sentido a teoria da suposição tem como outra consequência a alteração de perspectiva de toda a problemática estritamente lógica, reforçando a aproximação desta em relação à gramática. Parafraseando Philoteus Boehener 'a doutrina da suposição tinha que ter em conta a teoria da significação, e foi forçada pelo seu próprio objecto a partir de uma 'lógica de classes' em direcção a uma 'lógica de predicados'¹⁷.

Vejamos num esboço esquemático como surgem as várias modalidades de suposição em Pedro Hispano.



A suposição discreta é o modo de suposição do nome próprio. Exp: *Sócrates*

A suposição comum é o modo de suposição de um nome comum.

A suposição natural é o modo de suposição do nome comum fora de contexto. Exp: *Homem*

A suposição acidental é o modo de suposição do nome comum em contexto. Exp: 'Este *homem* é Sócrates'

Na suposição simples o nome supõe pelo menos alguns dos seres que formam a natureza que ele significa.

¹⁷ *Medieval Logic*, 78.

Na suposição determinada a proposição é em relação a pelo menos um dos seres que o nome supõe. Exp: 'Algum *homem* é animal'

Na suposição confusa a proposição é verdadeira em relação a todos os seres que o nome supõe. Exp: 'Todo o *homem* é animal'

A suposição móvel distingue-se da imóvel pois enquanto na primeira se pode 'descer' logicamente, isto é, do geral inferior ao particular, na segunda isso não é possível.

Nesta classificação, para além da utilização do modelo arborescente, tipicamente medieval, verifica-se, de facto a presença de critérios simultaneamente semânticos e lógicos na distinção das várias modalidades de suposição, o que confirma que estamos em presença de uma teoria de alcance não só gramatical e linguístico mas também lógico.

2. A evolução da Teoria da Suposição em Guilherme de Ockham

Poderíamos dizer que na teoria da suposição de Pedro Hispano a maior diferenciação estabelece-se ao nível da suposição natural e accidental. Reside precisamente aí a maior dificuldade e ambiguidade do filósofo português.

A suposição natural refere-se a todos os seres denotados pelo nome independentemente do contexto proporcional e assim conduz à conotação da natureza universal que 'suporta' esses mesmos seres existentes. A suposição accidental refere-se aos seres denotados pelo nome no seu contexto proposicional, ou seja, limita-se a denotar os seres existentes na situação concreta determinada pela proposição.

Assim, a suposição oscila entre a denotação de seres individuais concretos e a conotação de uma natureza universal, o que em termos de uma classificação clássica nos indica que se Pedro Hispano adopta uma posição realista face à questão dos universais, todavia abre pistas para as soluções nominalistas.

Isto compreende-se se o considerarmos um autor de transição, por um lado perto da maturidade dos contributos teóricos da gramática especulativa onde as posições realistas eram dominantes, por outro, apontando para as contribuições ulte-

riores, nomeadamente de Ockham, onde finalmente se afirma a corrente nominalista em plenitude.

A definição que Ockham atribui à linguagem vem na continuidade da tradição agostiniana. Na 'Summa Logicae' Ockham distingue a linguagem escrita, a linguagem falada e a linguagem mental, e esta divisão trifacetada conduz-nos à noção de discurso interior (em última análise remissível para o Verbo) que progressivamente se vai desdobrando em diferentes níveis de concreção. S.to Agostinho tinha-o teorizado no 'De Magistro' e no 'De Trinitate'. No entanto, se está salvaguardada assim a perspectiva de uma comunicação (ou comunhão) espiritual como é que a linguagem opera ao nível da comunicação estritamente humana?

É aqui que Ockham vai assumir uma posição marcadamente nominalista inspirando-se na teoria de abstracção de Aristóteles.

Quando dizemos 'homem' ou 'animal' ou 'natureza' não estamos a nomear uma natureza subsistente de que a nossa linguagem fosse o decalque ou o espelho, mas sim a traduzir em conceito mental, fruto da abstracção operada sobre seres individuais concretos. Assim, nestes casos as palavras significam conceitos, e através destes, coisas.

Portanto a única base substancial a que se reporta a linguagem é a existência concreta e individual dos seres existentes. A capacidade intelectual é o intermediário necessário para que este jogo representativo possa existir, reduzindo o múltiplo ao uno e possibilitando assim a nomeação.

Mas nem todas as palavras se referem ou podem ser reportadas a coisas individuais existentes. Como significam palavras tal como 'género', 'espécie', 'nome' ou 'verbo'? Ockham resolve o problema sem trair a teoria da abstracção: existem palavras que significam conceitos do espírito, é o caso de 'género' e 'espécie' (palavras de primeira intenção ou imposição) e palavras que se inventaram para significar operações, propriedades e condições do espírito ao exprimir-se, tal como 'verbo' ou 'palavra' (palavras de segunda intenção ou imposição). Assim, a função da linguagem permanece puramente representativa e abstracta (unificadora do múltiplo) e a significação só pode ser entendida de uma forma extensional: as palavras estão *em vez de (pro)*conceitos ou coisas e apenas traduzem aquilo que é

múltiplo naquilo que é simples ou discreto, permitindo a unificação do conhecimento.

Verificamos que a teoria da significação em Ockham não é mais do que a teoria da suposição levada às suas últimas consequências tal como fora teorizada anteriormente, nomeadamente em Pedro Hispano.

Neste contexto a própria noção de suposição surge-nos agora com um sentido mais restrito e preciso do que em Pedro Hispano, permitindo superar a ambiguidade teórica existente.

Para Ockham só existe suposição dentro de um contexto proposicional, isto é, a suposição em geral é aquilo que Pedro Hispano tinha designado ser a suposição accidental. Assim ela assume um carácter exclusivamente denotativo: só há suposição quando a palavra 'supõe' os seres determinados por um contexto proposicional.

Esta definição não só é corrente mas também tem um amplo alcance teórico ao nível da predicação.

Assim, ao predicarmos uma propriedade a um sujeito, segundo Ockham, estamos apenas a intersectar dois conjuntos de seres do que resultará um subconjunto que é resultante da própria predicação. Ao dizermos 'o homem é branco' estamos a determinar um universo de seres que é resultante da intersecção do conjunto 'homens' e do conjunto 'coisas brancas', e aqui a questão da 'natureza humana' ou da 'brancura' é definitivamente posta de lado. Estamos no coração da teoria nominalista.

A significação toma um carácter exclusivamente extensional e a suposição torna-se operativa, pois não é senão a significação concretizada ao nível proposicional.

Verificamos agora quão longe estamos das perspectivas substancialistas dos modistas. De facto, com Ockham, estamos bem próximo do formalismo linguístico contemporâneo. No entanto, teria sido difícil de transpor tal passo independentemente do esforço de síntese das sumas lógicas dos sécs. XIII e XIV. E nelas o 'Tractatus' de Pedro Hispano ocupa um lugar de relevo.

3. Tratado VI¹ Sobre a Suposição (tradução)

As coisas exprimem-se com complexidade ou sem complexidade. Com complexidade, como no caso 'homem corre' ou 'homem branco'; sem complexidade, como no caso 'homem', que é um termo não complexo.

Por sua vez cada termo não complexo ou significa substância, ou quantidade, ou qualidade, ou relação, ou acção, 'sofrer acção', e etc.

Sobre a significação

2. A significação do termo, tal como aqui o consideramos, é a representação da coisa através da palavra², segundo convenção. Portanto, como toda a coisa ou é universal ou particular, necessariamente, as expressões que não significam de modo universal ou particular, não significam nada. E, deste modo, não são termos tal como aqui consideramos o 'termo'; isto é, como signos das coisas universais e particulares.

Entre a significação, uma é da coisa substantiva e produz-se através de um nome substantivo, como 'homem'; outra é a coisa adjectiva e produz-se através de um nome adjectivo ou através de um verbo, como 'branco' ou 'corre'.

Portanto, propriamente, não existe a significação substantiva ou adjectiva mas algo significando de modo substantivo e algo significando de modo adjectivo, porque a adjectivação e a substantivação são modos das coisas que são significadas, e não significações.

De facto, dos nomes substantivos diz-se que **supõem**, dos nomes adjectivos diz-se que **copulam**.

¹ Para a tradução utilizamos a edição crítica de L. M. de Rijk. Ph. D., Van Corcum & Comp. B. V. Assen, 1972.

² A tradução mais aproximada do termo 'vox' é 'palavra'. No entanto, deve-se notar que o termo 'vox' denota apenas a dimensão fonética daquilo que nós entendemos por 'palavra' e não a sua dimensão semântica, contida nos termos medievais 'dictio' ou 'sermo'. Cf. B. O'MAHONY, *Medieval treatise*, 125,

Sobre a suposição e a copulação

3. A suposição é a acepção³ de um termo substantivo em vez de alguma coisa. A suposição e a significação diferem, porque enquanto a significação se faz através da imposição de uma palavra à coisa significada, a suposição é a acepção desse mesmo termo já significando a coisa em vez de algo. Como quando se diz 'o homem corre' este termo 'homem' supõe Sócrates ou Platão e etc.

Portanto a significação é anterior à suposição. Nem são o mesmo, pois significar pertence à palavra, enquanto supor pertence ao termo já como que composto da palavra e da significação.

Portanto a suposição não é a significação.

A copulação é a acepção de um termo adjectivo em vez de algo.

Sobre a divisão da suposição

4. A suposição ou é comum ou é discreta. A suposição comum faz-se através de um termo geral como 'homem'. A suposição discreta faz-se através de um termo discreto como 'Sócrates' ou 'este homem'.

Além disso, a suposição geral ou é natural ou é accidental. A suposição natural é a acepção de um termo geral em vez de todas as coisas de quem é próprio participar [do termo]; tal como 'homem', assumindo para si, na sua natureza, supõe todos os homens que existiram que existem e que existirão. Por sua vez, a suposição accidental é a acepção de um termo geral em vez das coisas para as quais é necessário um adjunto. Como 'o homem existe; aqui' este termo 'homem', supõe [os homens] presentes; quando se diz 'o homem existiu' supõe [os homens] do passado; quando se diz 'o homem existirá' supõe [os homens]

³ Traduzimos voluntariamente 'acceptio... pro' por 'acepção... em vez de' e não por 'uso'. Este último termo é utilizado intencionalmente por autores que pretendem ver neste conceito uma interpretação pragmática da teoria da suposição em detrimento da sua dimensão eminentemente linguística e gramatical, a que procuramos dar relevo na nossa tradução. Sobre o assunto cf. COXITO, *Lógica Semântica*, 224-225 e ALAN R. PERREIAK, *Approaches to Supposition — Theory*.

futuros. E assim existem diversas suposições de acordo com a diversidade daqueles que a ele são adjuntos.

5. A suposição accidental ou é simples ou é pessoal. A suposição simples é a acepção de um termo em vez da coisa universal significada por ele. Como quando se diz 'o homem é espécie' ou 'o animal é género' este termo 'homem' supõe os homens em geral e não algum particular⁴; e este termo 'animal' supõe os animais em geral e não algum particular. E o mesmo se verifica em qualquer outro termo geral. Tal como 'risível' é uma propriedade, 'racional' é uma diferença, 'branco, é um acidente.

6. Além disso, entre a suposição simples, uma é aquela em que o termo geral é sujeito como 'o homem é espécie'; outra é aquela em que o termo geral é predicado afirmativo como 'todo o homem é animal'. Este termo 'animal', na posição de predicado, tem suposição simples, pois apenas supõe a natureza do género.

Outro caso é o do termo comum colocado após uma expressão exceptiva, como 'todo o animal que não o homem é irracional' aqui, este termo 'homem', enquanto predicado, tem suposição simples. Donde não se pode inferir: 'todo o animal que não é homem é irracional' portanto, todo o animal que não este homem [é irracional]. Aqui estamos perante uma falácia que progride da suposição simples para a suposição pessoal. Do mesmo modo no caso: 'o homem é espécie, portanto, algum homem é espécie'; e no caso: 'todo o homem é animal, portanto todo o homem é este animal'. Em todos estes casos progrediu-se da suposição simples para a suposição pessoal.

É evidente que o termo geral, enquanto predicado, tenha suposição simples, quando se diz: 'Há uma só ciência para todos os contrários'. A não ser que este termo 'ciência' tivesse suposição simples, a proposição seria falsa, pois não existe nenhuma ciência particular de todos os contrários. A medicina não é [ciência] de todos os contrários mas apenas dos

⁴ Traduzimos o termo 'inferior' por 'particular', pois embora esta tradução não consiga transmitir a noção de uma escala ontológica ascendente (dos 'inferiores' — indivíduos particulares aos 'superiores' — géneros), parece-nos todavia a mais correcta.

são e doentes, e a problemática dos [linguisticamente] concordantes e não concordantes, etc.

7. A suposição pessoal é a acepção de um termo geral em vez de todos os seres particulares. Como quando se diz 'o homem corre' este termo 'homem' supõe todos os seres particulares.

8. Além disso, a suposição pessoal ou é determinada ou indeterminada. Diz-se que existe determinada quando existe um termo geral assumido de forma indefinida ou como signo de uma coisa particular, como 'homem corre' ou 'algum homem corre'. E diz-se que em cada um destes casos ela é determinada, porque embora em cada uma daquelas [expressões] o termo 'homem' suporta todos os homens, quer os que correm quer os que não correm, todavia só são verdadeiras para um homem que corre. De facto, uma coisa é supor, outra é conceder que a expressão é verdadeira em relação a algo. No que se afirmou anteriormente, este termo 'homem' supõe todos os homens quer os que correm quer os que não correm, mas a proposição só é verdadeira para os que correm. É evidente que cada uma das proposições é determinada, pois quando se diz 'Sócrates é animal', 'Platão é animal', 'Cícero é animal' etc., portanto todo o homem é animal, aqui estamos perante uma falácia que de vários determinados progride até ao único geral. E assim o termo geral assumido de modo identificado tem suposição determinada; do mesmo modo, no que supõe aos signos particulares.

9. A suposição confusa é a acepção de um termo geral em vez de muitos através de um signo universal. Como quando se diz 'todo o homem é animal' este termo 'homem', através de um signo universal adequa-se a muitos, pois a sua suposição refere-se a qualquer um.

Além disso, entre as suposições indeterminadas, umas são-no por imposição do signo ou do modo, outras por imposição da coisa. Como quando se diz 'todo o homem é animal' este termo 'homem' por imposição do signo é tornado indeterminado ou distribuído para qualquer que seja o seu suposto; e já que cada homem tem a sua essência, este verbo 'é' é assumido por imposição da coisa para tantas essências quantos homens sejam referidos por 'homem'; e já que cada homem possui a sua animalidade, portanto 'animal' é considerado, por imposição da coisa, para todos os animais quantos homens

sejam referidos pelo termo 'homem', e para tantas essências quantos sejam referidos pelo verbo 'é'. Donde se diga que este termo 'homem' supõe de modo indeterminado, móvel e distributivo. Mas de facto ele supõe de modo confesso e distributivo, pois é considerado para todos os homens; e ainda de modo móvel, pois dela se pode inferir qualquer dos seus supostos, tal como 'todo o homem, logo Sócrates' ou 'todo o homem, logo Platão'. Mas deste termo 'animal' diz-se que supõe indeterminadamente de modo imóvel, pois dele não se pode algo, tal como 'todo o homem é animal, logo todo o homem é este animal'; aqui progrediu-se de uma suposição simples para uma suposição pessoal. Tal como na expressão: 'O homem é uma criatura digníssima, logo qualquer homem [é uma criatura digníssima]; e 'a rosa é a mais bela flor' logo qualquer rosa [é a mais bela flor]'. Mas estas proposições diferem no facto de serem simples no que se refere ao sujeito e a primeira simples no que se refere ao predicado.

Dúvidas

10. Nem se compreende o oposto do que foi dito porque na proposição 'todo o homem é animal', este termo 'animal' colocado na posição do predicado tem suposição simples, embora antes se tenha dito que tivesse [suposição] indeterminada, pois de acordo com o facto de aqui o género ser predicado de espécie, e assim este 'animal' ser considerado para o próprio geral que é o género, assim teria suposição simples; de acordo com o facto de naquela natureza geral o próprio género se distribuir pelos homens supostos, assim dir-se-ia ter suposição confusa não de modo móvel mas imóvel.

A suposição confusa de modo móvel não pode ser simultânea com a simples, nem segundo a mesma nem segundo outra, mas a suposição confusa de modo imóvel pode ser simultânea com a simples, não segundo a mesma mas segundo a outra, como foi dito.

Assim seria necessário resolver a contrariedade que apareceria ao sustentar que o termo comum colocado na posição de predicado teria suposição simples e indeterminaria de modo

imóvel o signo universal afirmativo existente no sujeito, como 'todo o homem é animal'.

11. Mas julgo que é impossível que o termo geral colocado na posição de predicado seja indeterminado de modo imóvel ou móvel pelo signo animal afirmativo colocado na posição de sujeito, tal como 'todo o homem é animal', e noutras expressões semelhantes. Porque, como pretende Porfírio, tudo o que é predicado de outro, ou é maior ou é igual àquele de que é predicado; e ele considera a predicação em si; mas na expressão: 'todo o homem é animal' trata-se do predicado em si e não é predicado em igual extensão; mas não é acidental, portanto é substancial ou essencial; portanto é género ou diferença; não é diferença, logo é género. Mas a natureza do género que é multiplicada de modo móvel ou imóvel não é género. Portanto quando se diz 'todo o homem é animal' sendo aqui predicado o género, não é possível que o termo geral seja multiplicado de modo móvel ou imóvel, pois significa a natureza do género; como já não é género, tal como se homem fosse indeterminado de modo móvel ou imóvel, já não será espécie.

Isto também é considerado por Aristóteles no Primeiro Livro dos Tópicos. Diz ele que, necessariamente, tendo aquilo que é predicado de algo, ou é predicado de modo converso ou não; se é predicado de modo converso ou é uma definição ou uma propriedade; se não é predicado da coisa de modo converso, ou pertence à definição da coisa ou não; se não, isto é acidente. Se pertencer à definição ou é género ou é diferença. E entendia neste passo Aristóteles a predicação recta em que a espécie é sujeito ou é multiplicada. Mas na expressão: 'todo o homem é animal', a predicação é recta e a espécie é sujeito e não predicado ou acidente. Portanto é género ou diferença; mas não é diferença, logo é género. Consequentemente, não é possível que o termo geral colocado na posição de predicado seja indeterminado de modo móvel ou imóvel.

Além disso, todo o universal que é género e o todo em quantidade estão em oposição. Mas o todo em quantidade é simples. Porque um é todo em quantidade incompleto, como onde quer que se indetermine o termo comum de modo móvel. E outro é o todo em quantidade incompleto ou limitado, como onde quer que se multiplique o termo geral de modo simples; isto já nós havíamos afirmado.

Portanto se é impossível que o todo qualitativo seja género enquanto tal, não é possível que o termo geral, na posição de predicado, seja confundido como dizem.

Além disso, aquela comparação segundo a qual as coisas inferiores são reconduzidas às inferiores, é oposta àquela comparação segundo a qual as coisas superiores são realizados do inferior. Mas segundo a primeira comparação assume-se o termo geral enquanto razão comum; deste modo o próprio geral em si contém tudo aquilo que sob ele existe.

De acordo com a segunda comparação assumem-se os termos 'multiplicado' ou 'indeterminado' como multiplicação comum para todos ou para alguns. Portanto, se o género está por si na razão comum, não lhe é possível multiplicar-se deste modo.

E com tudo isto concordamos.

Solução

12. O argumento racional que os move [aos que sustentam a posição contrária] facilmente se soluciona. Afirmam, de facto, quando se diz que 'todo o homem é animal', correspondendo em cada homem a sua essência à sua animalidade, de tal modo que não é possível ser homem sem ser animal, este termo 'animal' é considerado para tantos animais quantos homens são referidos no termo 'homem'. Este assunto não é evidente. Quando digo 'todo o homem é branco' ou 'todo o homem é negro', sendo impossível ser homem sem ser animal, é necessário que todos os animais ou todas as animalidades sejam inteligidas no sujeito quantos são os homens considerados por este termo 'homem'.

Contudo é um erro dizer que a multitude daquelas animalidades reside aqui na multiplicação do predicado 'branco' ou 'negro'. Por isso digo que porque 'homem' é constituído, falando logicamente, de modo não natural, a partir de 'animal', e 'racional', o termo 'homem' por si, possui animal. Portanto, sendo 'homem' multiplicado tem em si a multiplicidade daquelas animalidades. De tal modo que quando digo 'todo o homem é branco' ou 'todo o homem é negro' de modo algum possui estas animalidades pelo predicado.

Do mesmo modo acontece na proposição em que se predica o género, tal como 'todo o homem é animal'. Nesta pro-

posição o sujeito é 'homem' e nada se interdiciona a multitudine daquelas animalidades, como foi dito, e se predica o género 'animal', que de nenhum modo é indefinido, nem de modo móvel nem imóvel, mas que aqui se apresenta na vez da própria essência do género comum, predicável a muitos. Donde se predica 'animal' e se interdiciona 'animal' no sujeito tal como na expressão: 'todo o animal racional mortal é homem'.

Do mesmo modo digo que não se indefine este verbo 'é' nem de modo móvel nem de modo imóvel, porque se o animal viesse a existir no homem, isto residiria no próprio sujeito em si, antes que na proposição a predicação fosse atribuída ao sujeito de modo actual ou potencial.

E por esta razão rejeitamos a decisão antecedente, a saber: nas suposições indeterminadas, umas são indeterminadas por imposição do signo ou modo, outras por imposição da coisa. Dizemos antes que toda a indeterminação é por imposição do modo. Do mesmo modo na proposição 'todo o homem é animal' este termo homem é considerado não só para todos os homens mas também para todo o animal que é homem. E por isso aqui tantos são as 'animalidades' quantas as 'humanidades', falando de modo natural, porque a mesma é a 'humanidade', segundo uma via lógica e não natural, em qualquer indivíduo homem; tal como o homem em geral é o mesmo. Portanto quer seja esta animalidade ou aquela, isto acontece por razão da matéria. A realização da minha natureza humana fez-se por si e por outro lado pela tua humanidade, tal como a minha alma enquanto existe a minha humanidade em mim, e outra decorrente da tua alma, produz a tua humanidade em ti.

E por esta razão o signo indeterminado 'homem' não indetermina 'animal' mas 'animal' liga-se a homem pelas suas diferenças.

Donde toda a indeterminação existe por imposição do signo ou modo.

JOSE ACACIO CASTRO

Notas e Comentários

Nota crítica sobre um argumento antimetafísico de Hans Reichenbach

Na sua obra *A filosofia científica*, de 1951, Hans Reichenbach expõe com toda a clareza o seu ponto de vista radicalmente antimetafísico. A sua «filosofia científica» — que ele escrevia, naturalmente, sem aspas — opõe-se à «filosofia especulativa» — que ele escrevia, naturalmente, com aspas. Esta «filosofia especulativa» é quase irmã siamesa da teologia. Também a negação radical da metafísica inclui, na posição de Reichenbach, a negação de toda e qualquer teologia. O problema metafísico e o problema religioso são liquidados no mesmo movimento crítico.

Um dos problemas capitais da metafísica e da religião é o da origem do universo. Para esse problema há-de Reichenbach ter, seguramente, uma solução «científica». Qual é ela? É, no seu momento negativo, a rejeição da «antiga hipótese» que atribui ao mundo uma causa suprema por um acto criador da matéria. Esta explicação é, para o filósofo berlinense, ficção científica, pseudo-explicação. No seu momento positivo, ou afirmativo, a solução de Reichenbach é a de que «o universo não tem causa, uma vez que, por definição, nada há fora dele que possa ser a sua causa». O universo é, pois, eterno, infinito no tempo. Séries infinitas, sem princípio nem fim, encontra-as Reichenbach nas matemáticas, coincidindo neste ponto com Russel em idêntica análise.

A argumentação de Reichenbach é curiosa. Assenta na proposição: o todo que o universo é não precisa de nenhuma causa para ser e para ser como é. Esse todo é, por conseguinte, uma infinita teia de efeitos e de causas, mas ele próprio não é efeito de nenhuma causa. Há-de ser, no entanto, enquanto todo, a causa de todos os efeitos que no seu seio se produzem. Ou seja: é causa, mas é causa sem causa.

O grande alvo das críticas contra semelhante argumento de S. Tomás de Aquino, bem como dos seus antepassados no argumento, fora sempre a ideia de uma causa sem causa — ideia considerada absurda. Toda a causa era entendida como o efeito de uma causa anterior, que a produzira. Vemos agora que não é nesse ponto que Reichenbach, e o positivismo lógico em geral, encontra o ponto fraco da argumentação tomista.

Passando ao pente fino da análise o argumento de Reichenbach acabamos por achá-lo débil. Vejamos um primeiro aspecto dessa debili-